

Marquemos o encontro ao cimo da escada

O papel da activação fisiológica na atracção interpessoal

DAVID RODRIGUES (*)

TERESA GARCIA-MARQUES (*)

A *atração inicial* refere-se à atracção sentida no primeiro momento em que duas pessoas se vêem. A importância do seu estudo reside no facto de este fenómeno poder aumentar a probabilidade das interacções futuras, factor essencial para o desenvolvimento de uma relação amorosa.

À semelhança de outros fenómenos sociais, também a atracção inicial não tem uma definição totalmente objectiva. Tendo em conta a definição de atracção proposta por Duck (1994), pode ser um aspecto em particular – um cheiro, uma troca de olhares, um aspecto físico, a associação de uma característica da outra pessoa a algo agradável, entre uma grande variedade de factores – que desencadeia na pessoa a vontade de querer interagir e conhecer melhor outra. Mas o que uma pessoa sente num primeiro contacto? A literatura sugere-nos uma diferenciação entre os sentimentos de atracção geral e de atracção romântica (e.g., White, Fishbein & Rutstein, 1981).

Por um lado, a *atração geral* pode ser conceptualizada como um conjunto de sentimentos

de amizade e de voluntariedade no desejo de conhecer a outra pessoa. Este tipo de atracção aproxima-se do estilo primário de amor designado por “storge” (Lee, 1973; Hendrick & Hendrick, 1986). Por outro lado, a *atração romântica* pode ser definida como um conjunto de sentimentos mais específicos, nomeadamente a voluntariedade no desejo de conhecer o outro de uma forma mais íntima. A atracção romântica interliga-se em grande parte com o estilo primário de amor “eros” (Lee, 1973; Hendrick & Hendrick, 1986) e com o conceito de “passionate love” (Berscheid & Reis, 1998; Hendrick & Hendrick, 1989), definido como “a state of intense longing for union with another” (Hatfield & Rapson, 1994, p. 93).

A voluntariedade na interacção com outra pessoa pode ser influenciada por um conjunto de factores, alguns dos quais passíveis de exercer o seu efeito no momento em que se pretende estabelecer a interacção, ou no momento em que se recebe a primeira informação acerca do outro. A literatura sugere alguns factores pessoais e situacionais que podem actuar como facilitadores e potenciadores da voluntariedade para estabelecer uma primeira interacção, tais como a atractividade física percebida da outra pessoa ou a partilha do mesmo espaço de trabalho por ambas as pessoas (Berscheid & Reis, 1998; Meston & Frohlich, 2003). Assim sendo, a diferente informação que o recipiente recebe sobre o alvo em diferentes contex-

(*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

A correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para: Teresa Garcia-Marques, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-011, Lisboa. E-mail: gmarques@ispa.pt

tos, é passível de exercer influência no sentimento de atracção activado.

Neste artigo focamos o papel de uma outra fonte de informação, mais concretamente, as reacções fisiológicas do organismo perante o estímulo alvo. A literatura sugere-nos que a activação fisiológica produz enviesamentos nos “sentimentos” reportados pelas pessoas, quando esta necessita de uma explicação (Cotton, 1981; Foster, Witcher, Campbell & Green, 1998). A activação fisiológica, por se associar a uma manifestação afectiva, exerce influência sobre a percepção que as pessoas têm dos seus “sentimentos”. Mas será que esta influência se estende à dimensão da atractividade interpessoal?

IMPACTO DA ACTIVAÇÃO FISIOLÓGICA NA ATRACTIVIDADE INTERPESSOAL

Ao longo da evolução do estudo das relações interpessoais, alguns investigadores verificaram que a atracção e a paixão poderiam advir de uma atribuição “errada” de determinadas sensações fisiológicas. Com base na teoria das emoções de Schachter e Singer (1962), assumiu-se que sentimentos amorosos podem advir da experiência de *activação fisiológica* atribuída enviesadamente a sentimentos de amor ou paixão por uma pessoa do género oposto presente no contexto (Foster et al., 1998; Pierce, Byrne & Aguinis, 1996).

De acordo com as investigações de Schachter (1964), as emoções são experienciadas como uma activação fisiológica à qual se atribui uma designação cognitiva, que pode ser “incorrecta”. De acordo com o autor, sempre que um indivíduo se encontra em situações de activação fisiológica (“arousal”) sem qualquer tipo de explicação para tal, tende a criar uma explicação com base nos factores externos que o rodeiam, não sendo tolerados estímulos “sentimentos” sem qualquer designação cognitiva.

Os pressupostos desenvolvidos pelo autor deram origem à teoria da atribuição enviesada (“misattribution theory”), segundo a qual diferentes níveis de excitação provocam nas pessoas diferentes reacções emocionais, consoante as designações cognitivas elaboradas para cada situação (Cotton, 1981; Foster et al., 1998).

No seguimento desta teoria, Dutton e Aron (1974) investigaram o impacto de determinados factores

contextuais nos sentimentos de atractividade. Na investigação pedia-se a pessoas do género masculino para atravessarem uma ponte de madeira com 140 metros de comprimento, situada a 70 metros do solo de um parque em Vancouver. A meio da travessia, uma rapariga atractiva pedia aos participantes para criarem uma história com base numa figura ambígua do TAT (“Thematic Apperception Test”), fornecendo-lhes também o seu número de telefone, para o caso de quererem mais informações acerca do estudo. Os resultados mostraram que estas pessoas, comparativamente com as que realizaram a travessia numa ponte substancialmente menos elevada (a 3 metros do solo), criaram histórias com mais componentes sexuais, fazendo também mais contactos telefónicos. De acordo com os autores, a excitação resultante do estímulo ambíguo (neste caso uma ponte de madeira que abanava com o vento) pode ter sido atribuída a outra fonte presente no meio ambiente (neste caso a rapariga atractiva). Mais concretamente, a activação fisiológica sentida pelas pessoas ao atravessar a ponte parece ter sido atribuída à rapariga, aumentando a sua atractividade.

Esta perspectiva sugere que perante uma situação desencadeadora de excitação fisiológica, para a qual não parece existir explicação, o indivíduo tenta dar uma designação ao que sente com base no contexto que o rodeia (Allen, Kenrick, Linder & McCall, 1989; Cotton, 1981). Ora se uma determinada situação deixar no indivíduo resíduos excitatórios, tal leva a que as suas reacções emocionais em situações subsequentes podem ser aumentadas (Zillmann, 1971). No entanto, as pessoas não transferem a sua excitação para uma segunda situação, se estiverem conscientes da sua origem (Zillmann, 1978). Assim, por exemplo, haverá maior probabilidade de ocorrer “transferência” da activação fisiológica, resultante da actividade física, se houver um distanciamento temporal relativamente à sua origem.

Sinclair, Hoffman, Mark, Martin e Pickering (1994) demonstraram tal facto ao constatarem que após exercício físico, os participantes reportaram ter voltado ao seu estado inicial de cansaço após três minutos, apesar das medidas fisiológicas indicarem que tal só aconteceu após cinco minutos. Vários autores que utilizaram o paradigma da activação fisiológica concluíram que o estímulo ambíguo apresentado imediatamente a seguir à activação fisiológica não produzia tanto

impacto, comparativamente com um estímulo apresentado algum tempo depois. Na sua investigação, Cantor, Zillmann e Bryant (1975) pediram às pessoas para pedalam numa bicicleta durante um minuto e para visualizarem um filme erótico, apresentado imediatamente a seguir ao exercício ou passado algum tempo. Os resultados permitiram verificar que as pessoas que esperaram vários minutos antes de verem o filme reportaram maiores nível de excitação durante a sua visualização, atribuindo os resíduos excitatórios do exercício ao filme, contrariamente às pessoas que viram o filme de imediato.

Esta breve revisão dos estudos dedicados ao impacto da activação fisiológica nos julgamentos emocionais sugere-nos a possibilidade da atracção inicial por uma pessoa alvo poder ser afectada pelos acontecimentos contextuais, se estes promoverem activação fisiológica no indivíduo. Assim, de acordo com a teoria da transferência da excitação de Zillmann (1971), é possível que os resíduos excitatórios ainda presentes no sistema nervoso, resultantes do exercício físico efectuado pelas pessoas, consiga intensificar a atracção sentida pela pessoa alvo após um intervalo de tempo. Parece, porém, ser condição necessária que durante esse intervalo de tempo não se faça qualquer referência ao exercício físico efectuado, de modo a que as pessoas não estabeleçam relações de causalidade (Meston & Frohlich, 2003).

Mas, se hipotetizamos a ocorrência de transferência e subsequente atribuição errónea à atractividade sentida por uma pessoa alvo, nada nos leva a pressupor que este efeito se verifique sempre e em qualquer circunstância. Vários factores que interferem no julgamentos de atractividade podem inibir ou mesmo contrariar este efeito.

Características da Pessoa Alvo – Um factor com influência directa na atractividade de uma pessoa alvo é, sem dúvida, as suas próprias características. A maioria dos estudos acerca dos factores que influenciam a atracção utiliza pessoas muito atractivas ou pessoas pouco atractivas, sendo vasta a literatura que sugere o desencadeamento de diferentes graus de atracção, consoante a atractividade física da pessoa alvo (Allen et al., 1989; Foster et al., 1998). Note-se, porém, que ao contrário dos homens, as mulheres tendem a não dar tanta importância a características físicas, mas sim a outros atributos tais como as ambições

futuras da outra pessoa, a sua profissão, entre outros aspectos. Além disso, tendem a preferir parceiros mais velhos, com bens materiais e com um “status” social mais elevado (Antill, 1983; Berscheid & Walster, 1974; Byrne, Clore & Worchel, 1966; Chapdelaine, Levesque & Cuadro, 1999; Feingold, 1990; Graziano, Jensen-Campbell, Shebilske & Lundgren, 1993; Jellison & Mills, 1967; Sprecher, Sullivan & Hatfield, 1994). É possível, assim, que as características da pessoa alvo sejam de tal modo salientes e promotoras de atractividade ou não atractividade, que inibam ou invertam o impacto da transferência da activação.

Para além das características da pessoa alvo, temos factores associados ao próprio indivíduo que podem inibir a manifestação do efeito. Considere-se, por exemplo, o facto deste estar ou não envolvido numa relação amorosa.

Relacionamento Amoroso – O facto de um indivíduo estar envolvido amorosamente com outro interfere quer no grau de atractividade sentida, quer no grau de atractividade percebida. Na realidade, indivíduos envolvidos numa relação romântica demonstraram perceber uma pessoa alvo como menos física e sexualmente atractiva, comparativamente com indivíduos não envolvidos romanticamente (Simpson, Gangestad & Lerma, 1990). Relevante para a abordagem atribucional é o estudo de Meston e Frohlich (2003), no qual se verificou que após andarem de montanha-russa, os indivíduos acompanhados pelo seu parceiro romântico não se consideraram tão atraídos pela fotografia de uma pessoa alvo, quando comparados com os indivíduos acompanhados de um familiar ou de um amigo.

De forma a estudar experimentalmente este efeito de transferência da activação fisiológica, activámos indivíduos fisiologicamente através de uma actividade física, para de seguida os colocar numa situação criada com o objectivo específico de isolar a situação de “primeiro contacto” com a pessoa alvo. De acordo com a hipótese em estudo, esperávamos que os participantes activados fisiologicamente reportassem níveis superiores de atracção, comparativamente com os não activados, mas apenas quando este julgamento se afastasse temporalmente da verdadeira causa da activação. Controlámos as características da pessoa

alvo escolhendo uma pessoa avaliada por um conjunto de juízes como possuindo características neutras no que respeita à sua beleza física e simpatia (Berscheid & Walster, 1974; Maruyama & Miller, 1981). Além disso, a sua idade era semelhante à dos participantes e não apresentava ambições específicas face ao seu futuro. Com vista a verificar o possível efeito moderador do relacionamento, questionámos os participantes sobre a sua actual situação amorosa.

MÉTODO

Participantes e Delineamento

Foi pedida a colaboração de 72 estudantes do género feminino do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), com idades compreendidas entre os 18 e os 31 anos de idade, sendo a média de 21.46 anos de idade ($d.p.=2.36$). Cerca de 73% da amostra respondente referiu estar envolvida, no momento da sua participação, numa relação amorosa.

Os participantes foram distribuídos de uma forma aleatória por cada uma das condições experimentais, definidas pelo delineamento factorial 2 (sem activação fisiológica vs. com activação fisiológica) x 2 (avaliação imediata vs. avaliação após três minutos).

Material

A realização do estudo envolveu a necessidade de mensurar o “nível de atracção” sentido por

uma pessoa alvo, numa situação que por si só não induziria a níveis elevados de atracção. Como tal, foi adaptada uma medida de atracção interpessoal e foi seleccionada uma pessoa alvo.

Medida de atracção. Para alcançar os objectivos da investigação, foram utilizados os itens da escala utilizada por White et al. (1981) correspondentes às medidas de atracção geral e romântica. Em pré-teste, estes itens demonstraram uma elevada consistência interna ($\alpha=.81$) e uma forte relação entre os itens, sendo 70.08% da variabilidade associada à medida explicada pelos factores.

À semelhança da medida original, considerámos que os oito itens em conjunto representam uma medida global de atracção, constituída por uma medida de atracção geral (quatro afirmações iniciais) e por uma medida de atracção romântica (quatro restantes afirmações) (Tabela 1).

Material. A escolha da pessoa alvo (género masculino) foi feita de acordo com o critério de neutralidade em termos de beleza física e de simpatia, sendo apresentada num vídeo no qual falava sobre si e sobre os seus gostos pessoais durante 51 segundos, tendo uma parede branca como fundo.

Foi conduzido um pré-teste para verificar as percepções dos indivíduos face a um conjunto de características da pessoa alvo, a determinadas características do vídeo e à credibilidade do estudo, todas avaliadas numa escala de sete pontos. Os resultados de 13 juízes permitiram verificar que a pessoa alvo foi considerada neutra tanto em termos da sua beleza ($M=3.62$), como em termos da sua simpatia ($M=4.69$). Além disso, os juízes

TABELA 1
Medida de atracção

Medidas	Itens	Escala de resposta
<i>Atracção geral</i>	1. Sinto que há semelhanças entre nós.	
	2. Desejaria conhecê-lo melhor.	
	3. Gostaria de trabalhar com ele.	
	4. Penso que me daria bem com ele.	
<i>Atracção romântica</i>	5. Considero-o fisicamente atractivo.	Nada 1 2 3 4 5 6 7 Muito
	6. Acho-o excitante.	
	7. Desejaria beijá-lo.	
	8. Desejaria encontrar-me com ele.	

consideraram consensualmente que a informação transmitida era neutra ($M=3.92$) e que a duração do vídeo se adequava ao objectivo proposto ($M=3.69$), ou seja, um vídeo de auto-apresentação retirado de um “site” de convívio na “internet”, destinado a estabelecer novas amizades.

Procedimento

Numa primeira fase foi pedida a participação dos alunos num estudo que estava a ser conduzido pelo ISPA, acerca da ergonomia das escadas de acesso aos diferentes pisos. Assim, pediu-se às pessoas que se colocassem no topo das escadas (3.º andar) e que descessem a um ritmo normal e seguidamente a um ritmo acelerado até à recepção da faculdade, de modo a que fosse possível registar os tempos médios em ambas as situações. No final desta dupla tarefa foi distribuído um questionário de despiste constituído por oito questões, com o qual se pretendia medir as atitudes dos estudantes face às tarefas propostas.

De seguida, foi pedida a participação para um outro pré-teste de material. Este destinava-se a estudar o papel da internet no âmbito das relações interpessoais. A tarefa consistia na visualização de um filme com 50 segundos e no posterior preenchimento de uma escala referente ao mesmo. Enquanto que metade das pessoas visualizaram o vídeo imediatamente após o preenchimento do questionário de despiste, às restantes foi dito que o vídeo iria ser apresentado após um filme com aproximadamente três minutos, que as ajudaria a relaxar. O filme apresentado correspondia a um excerto de um documentário intitulado “The complete cosmos: Earth patrol”¹.

Às pessoas que não realizaram exercício físico pediu-se apenas para participarem no pré-teste do vídeo, tendo metade dos participantes visualizado o vídeo da pessoa de imediato e a outra metade após o filme “The complete cosmos: Earth patrol”.

Após a visualização do filme, os participantes

avaliação a atracção sentida pela pessoa alvo, reportaram o seu estado de espírito no momento (“Qual o seu estado de espírito enquanto visualizava o vídeo?”) e referiram se tinham ou não uma relação amorosa. Os participantes que foram activados fisiologicamente foram adicionalmente questionados sobre a sua percepção de: (a) existência de uma relação entre as duas tarefas (“Antes de visualizar o vídeo participou numa experiência acerca da ergonomia das escadas do ISPA. Em que medida considera que existe relação entre ambas as tarefas?”), e (b) influência da primeira tarefa no desempenho da segunda (“Em que medida considera que ter corrido pelas escadas do ISPA influenciou a forma como avaliou a pessoa do vídeo?”). A resposta a todas as medidas de controlo foi feita numa escala de sete pontos, que variava entre “Nada” e “Muito”.

RESULTADOS

Medidas de atracção

Medida de atracção geral. Os itens associados à medida de atracção geral (Tabela 1) demonstraram compor um único factor (57,8% da variância explicada), apresentando elevado nível de consistência interna ($\alpha=.75$), pelo que foram agregados pela sua média numa medida única de atracção geral.

Medida de atracção romântica. Os itens associados à medida de atracção romântica (Tabela 1), apresentaram-se também organizados em torno de um único factor (74,5% da variância explicada), revelando uma elevada consistência interna ($\alpha=.87$). Assim, foi calculada a sua média, como representativa da medida de atracção romântica.

Medidas de Controlo

A análise das respostas às questões de controlo permitiu verificar o grau de homogeneidade entre os grupos e ausência de impacto destas medidas nas medidas de atracção.

Relação entre as tarefas. A média dos dois itens ($r=.80$) que procuravam aceder à percepção consciente do impacto da actividade de subir escadas no grau de atracção reportado pelos indivíduos, foi computada e correlacionada com as duas me-

¹ O excerto foi submetido a pré-teste e concluiu-se ser neutro em termos da sua agradabilidade ($M=4.00$ e $d.p.=1.00$) e do estado de espírito desencadeado pela sua visualização ($M=4.29$ e $d.p.=.76$).

didadas dependentes, com o objectivo de aceder à sua possível influência nos dados obtidos. Os dados sugerem a não existência de uma relação entre esta medida e o nível de atracção geral ($r=.15$, $p=.26$) ou o nível de atracção romântica ($r=.04$, $p=.32$).

Impacto da Manipulação

Com vista a estudar as hipótese do impacto conjunto da actividade fisiológica e momento de avaliação no grau de atracção geral e romântica reportados pelos participantes, introduziram-se estas duas variáveis de forma independente no modelo de análise de variância associada ao delineamento 2 (sem activação fisiológica vs. com activação fisiológica) x 2 (avaliação imediata vs. avaliação após três minutos). Em ambas as análises foram feitas transformações dos dados em ranks de modo a verificarem-se os pressupostos e normalidade e homogeneidade associados ao modelo de análise de variância.

Medida de atracção geral. Tanto a activação fisiológica ($F(1,68)=.68$, $p=.41$), como o intervalo de tempo precedente à avaliação da atracção sentida pela pessoa alvo ($F(1,68)=.02$, $p=.90$) não promoveram por si só diferenças nos “sentimentos” de atracção sentidos pela pessoa alvo. Esperava-se porém, um efeito da interacção destas duas variáveis independentes, apresentando-se este muito marginal ($F(1,68)=2.13$, $p=.15$).

Os dados parecem, no entanto, reflectir o padrão esperado pela hipótese, visto o exercício físico aliado a um intervalo de tempo antes do “primeiro encontro” com a pessoa alvo, ter dado origem a níveis de atracção geral superiores, comparativamente com os níveis de atracção das pessoas que não realizaram exercício físico. Na realidade o contraste entre estes dois grupos na condição “avaliação após três minutos” ($M=3.28$ para o grupo de controlo e $M=3.89$ para o grupo experimental), apresentou-se marginalmente significativo ($t(68)=1.61$, $p=.06$), enquanto o contraste entre este grupo ($M=3.44$) e o grupo experimental ($M=3.46$) na condição “avaliação imediata” não originou diferenças significativas ($t(68)=-.45$, $p=.33$).

Medida de atracção romântica. Apesar das pessoas do grupo que realizou exercício físico terem-se sentido mais atraídas romanticamente pela pessoa alvo ($M=2.15$) quando comparadas com os participantes da situação de controlo que não foram activados fisiologicamente ($M=2.00$), essa diferença não atingiu clara significância estatística ($F(1,68)=1.80$, $p=.18$).

A variável “momento de avaliação” não afectou os sentimentos partilhados pelos participantes, uma vez que os que esperaram cerca de três minutos para ver o filme da pessoa alvo não se sentiram significativamente mais atraídos de uma forma romântica ($M=2.17$), quando comparadas com as pessoas que viram o filme imedia-

FIGURA 1
Medida de atracção geral no grupo de controlo e experimental quando feita imediatamente ou após 3 minutos

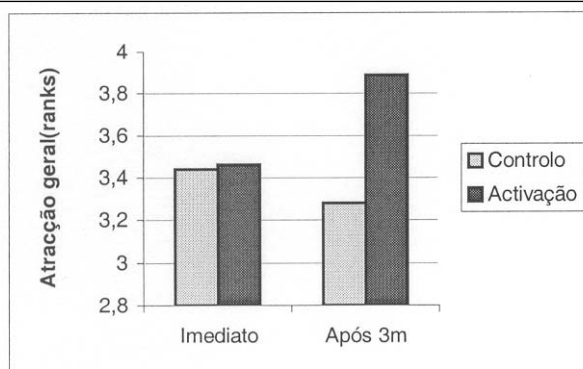
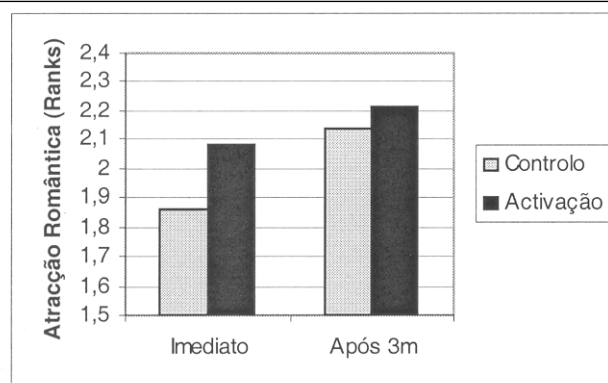


FIGURA 2
Medida de atracção romântica no grupo de controlo e experimental quando feita imediatamente ou após 3 minutos



tamente ($M=1.97$) ($F(1,68)=.31, p=.58$). Verificou-se igualmente uma ausência de impacto conjunto das duas variáveis, pelo que os resultados da interacção que se esperava verificar entre os factores afastaram-se bastante da significância estatística ($F(1,68)=.28, p=.60$).

Papel do Relacionamento Amoroso

No seguimento de uma hipótese colocada por Meston e Frohlich (2003), foi verificado se as medidas de atracção e a variável “relacionamento amoroso” estariam relacionadas. Os dados sugerem diferenças nos “sentimentos” de atracção geral reportados pelas pessoas que afirmam estar envolvidas num relacionamento amoroso ($M=3.42$) e as pessoas que não têm tal envolvimento ($M=3.88$) ($t(43)=1.61, p=.06$) bem como diferenças nos “sentimentos” de atracção romântica, onde as pessoas envolvidas numa relação amorosa reportam índices inferiores ($M=1.92$) do que as não envolvidas ($M=2.71$) ($t(43)=2.71, p=.01$)².

Uma análise a posteriori dos participantes que indicaram não estar envolvidos numa relação amorosa, sugere que as pessoas que realizaram exer-

cício ($M=4.40$) se sentiram marginalmente mais atraídas pelo alvo de uma forma geral, quando comparadas com as pessoas que não activadas fisiologicamente ($M=3.50$) ($t(10)=-1.44, p=.09$). No que respeita à atracção romântica, não se verificaram diferenças significativas entre o grupo activado fisiologicamente ($M=2.75$) e o grupo de controlo ($M=2.68$) ($t(10)=-.06, p=.48$).

A análise dos participantes que referiram estar envolvidos num relacionamento amoroso, revela um padrão idêntico ao da análise geral. Os participantes activados fisiologicamente referiram sentir-se mais atraídos de uma forma geral pela pessoa alvo ($M=3.69$) comparativamente com os participantes do grupo de controlo ($N=20, M=3.25$), embora tal diferença não tenha assumido significância estatística ($t(31)=-.87, p=.20$). Da mesma forma, as pessoas que realizaram exercício físico não se sentiram significativamente mais atraídas de uma forma romântica ($M=2.00$) comparativamente com as pessoas não activadas ($M=1.88$) ($t(31)=-.80, p=.23$).

Note-se que esta partição da análise estatística envolveu um número reduzido de participantes em cada condição, pelo que se poderá verificar uma reduzida potência de teste. Poderá, assim acontecer que o efeito em estudo esteja presente para indivíduos que estejam e não estejam envolvidos numa relação amorosa. Os dados sugerem, no entanto, que o efeito será mais marcado junto daqueles que não têm presentemente um compro-

² Note-se, no entanto, que esta variável não interagiu com a activação fisiológica e com o espaçamento temporal anterior à visualização do vídeo da pessoa alvo.

misso amoroso, visto o teste associado a um número reduzido de participantes se revelar marginalmente significativo. Assim, e tal como sugerido na literatura, consideramos que a existência de uma relação amorosa na vida privada das pessoas fez com que julgamentos de atracção sentida não fossem tão elevados (Meston & Frohlich, 2003; Simpson et al., 1990).

DISCUSSÃO

O objectivo do presente estudo foi o de tentar perceber a influência de determinados factores na *atracção geral e romântica* reportada pelos participantes. Mais concretamente, estudou-se o impacto: (a) da *activação fisiológica*, manipulada pelo exercício físico “subir e descer escadas”, o que promoveu um acelerar dos batimentos cardíacos (Mandler, 1992; Sinclair et al., 1994) e (b) do *tempo*, manipulado pelo intervalo anterior à visualização do filme da pessoa alvo.

Os resultados do estudo, embora longe de conclusivos, sugerem que o factor estudado conduziu ao enviesamento das reacções emocionais desencadeadas. Mais concretamente, verificou-se que as pessoas que realizaram exercício físico tenderam a reportar níveis de atracção geral superiores, comparativamente com os respectivos grupos de controlo. No entanto, estas diferenças apenas atingem significância estatística quando mensurados após algum intervalo de tempo do momento da activação fisiológica.

Tal é congruente com a ideia de que os resíduos excitatórios presentes no sistema nervoso das pessoas originaram enviesamentos nos processos de atribuição dos sentimentos relativos à pessoa alvo, dadas as condições contextuais. Os indivíduos que se sentiram activados fisiologicamente e não tinham uma razão saliente no meio para tal, após se dissociarem da situação de activação (passar algum tempo), tenderam a fazer uma atribuição enviesada do que estavam a sentir para um estímulo ambíguo – neste caso a pessoa alvo – julgando-se como mais atraídos, pelo menos em termos gerais, comparativamente com as pessoas que não realizaram qualquer exercício físico. Assim, parece ter havido uma tendência para que as pessoas activadas devido ao exercício físico transferissem o que estavam a sentir para um estímulo ambíguo presente no meio, na altura em que lhes foi

pedido para darem uma designação aos seus sentimentos (Allen et al., 1989; Cotton, 1981; Foster et al., 1998; Mandler, 1992). Salienta-se, porém, a fraca magnitude do efeito em estudo. Lembremos que estes fenómenos resultam de atribuições enviesadas feitas pelas pessoas num determinado momento temporal e que os enviesamentos se passíveis de ocorrer (que é o foco do estudo) não são sempre esperados (o sistema cognitivo deve-se opôr a enviesamentos) tal como referem Foster et al. (1998). Ainda assim, torna-se positivo o facto dos efeitos terem emergido nos dados recolhidos numa amostra com as mesmas características que a aqui apresentada.

O mesmo padrão de resultados era esperado no que diz respeito aos níveis de atracção romântica reportados. Apesar dos dados sugerirem a possibilidade dos indivíduos activados fisiologicamente se sentirem mais atraídos romanticamente, a verdade é que o efeito não emerge de uma forma clara e não ambígua. Vários factores podem ter contribuído para esta ambiguidade. Em primeiro lugar, a própria natureza da medida: poucos ou nenhum participante se sentiu à vontade para expressar querer beijar alguém que desconhece totalmente, pois só teve um contacto indirecto por breves minutos. A variabilidade associada à medida sofre a sua expressão. Em segundo lugar, lembremo-nos que a maioria dos participantes estavam envolvidos numa relação amorosa, o que parece moderar o efeito em estudo, podendo ter ainda maior impacto numa expressão intensa como a de uma relação amorosa. Assim, pensamos que este efeito é delicado, que se expressa em fraca magnitude e que futuros estudos que o pretendam focar devem tornar mais sensível a medida, aumentar a potência dos testes estatísticos que o detectam, aumentando a dimensão da amostra e controlar para um conjunto de variáveis que podem afectar o efeito. Como exemplo, atenda-se ao que Feingold (1990) refere sobre as pessoas do género masculino, como dando mais valor à beleza física e à idade aquando de uma relação amorosa, e às pessoas do género feminino como valorizando mais outros aspectos como o status social, profissão e ambições. A nossa amostra foi constituída totalmente por pessoas do género feminino e a pessoa alvo apresentava-se de uma forma em algo “seca”: não demonstrava grandes ambições futuras e tendo um emprego de fotógrafo e editor de imagem, com o qual talvez as partici-

pantes não se tenham identificado, influenciando consequentemente os julgamentos de atracção sentida (Graziano et al., 1993).

Um aspecto que nos parece claro neste estudo é o de que a existência de uma *relação amorosa* na vida privada dos indivíduos poderá actuar como inibidor dos enviesamentos da *atracção* sentida pela pessoa alvo. Os dados obtidos vão ao encontro do que se esperava, ou seja, as pessoas envolvidas num relacionamento amoroso sentiram-se significativamente menos atraídas quer de uma forma geral, quer de uma forma romântica pelo estímulo. De acordo com Simpson et al. (1990) e Meston e Frohlich (2003), estes efeitos podem dever-se à visualização do outro enquanto uma potencial ameaça para a estabilidade da relação amorosa. Futuros estudos que foquem a questão do enviesamento deverão, assim, controlar para esta variável incluindo-a no delineamento do estudo.

Em suma, neste estudo ficou patente o fenómeno de impacto da activação fisiológica nos sentimentos de atracção sentida por uma pessoa com a qual se toma um conhecimento muito superficial. Existe um grande número de situações na vida diária das pessoas que podem ser referidas como activadoras fisiológicas. De entre os mais banais encontramos o simples subir de uma escada, as aulas de ginástica, os filmes excitantes, ou o presenciar um desastre. Mas outros mais complexos poderão ser observados, como o de duas pessoas que trabalhem juntas em projectos que envolvam muita responsabilidade e que sejam desencadeadores de elevada ansiedade. Na realidade, a paixão sempre foi um mistério da mente e da alma. Apaixonamo-nos por várias razões. A activação fisiológica sentida no momento de encontro parece ser uma delas... parece ser um pequeno empurrão para o “fogo que arde sem se ver”.

REFERÊNCIAS

- Allen, J., Kenrick, D., Linder, D., & McCall, M. (1989). Arousal and attraction: A response-facilitation alternative to misattribution and negative-reinforcement models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57 (2), 261-270.
- Antill, J. (1983). Sex role complementarity versus similarity in married couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (1), 145-155.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1974). Physical attractiveness. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental psychology* (pp. 157-215). New York: Academic Press.
- Berscheid, E., & Reis, H. T. (1998). Attraction and close relationships. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (4th ed., pp. 193-281). New York: McGraw-Hill.
- Byrne, D., Clore, G., & Worchel, P. (1966). Effect of economic similarity-dissimilarity on interpersonal attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4 (2), 220-224.
- Cantor, J., Zillmann, D., & Bryant, J. (1975). Enhancement of experienced sexual arousal in response to erotic stimuli through misattribution of unrelated residual excitation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 69-75.
- Chapdelaine, A., Levesque, M., & Cuadro, R. (1999). Playing the dating game: Do we know whom others would like to date? *Basic & Applied Social Psychology*, 21 (2), 139-147.
- Cotton, J. (1981). A review of research on Schachter's theory of emotion and the misattribution of arousal. *European Journal of Social Psychology*, 11, 365-397.
- Duck, S. (1994). Interpersonal attraction and personal relationships. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 2, pp. 683-688). California: Academic Press.
- Dutton, D., & Aron, A. (1974). Some evidence for heightened sexual attraction under conditions of high anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 23, 510-517.
- Feingold, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attractions: A comparison across five research paradigms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 981-993.
- Foster, C., Witcher, B., Campbell, W., & Green, J. (1998). Arousal and attraction: Evidence for automatic and controlled processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (1), 86-101.
- Graziano, W., Jensen-Campbell, L., Shebilske, L., & Lundgren, S. (1993). Social influences, sex differences and judgments of beauty: Putting the interpersonal back in interpersonal attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (3), 522-531.
- Hatfield, E., & Rapson, R. (1994). Love and intimacy. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 3, pp. 93-101). California: Academic Press.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56 (5), 784-794.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (2), 392-402.

- Jellison, J., & Mills, J. (1967). Effects of similarity and fortune of the other on attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5 (4), 459-463.
- Lee, J. (1973). *The colors of love: An exploration of the ways of loving*. Don Mills, Ontario: New Press.
- Mandler, G. (1992). Memory, arousal and mood: A theoretical integration. In S. Christianson (Ed.), *The handbook of emotion and theory: Research and theory* (pp. 93-110). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maruyama, G., & Miller, N. (1981). Physical attractiveness and personality. In B. A. Maher, & W. Maher (Eds.), *Progress in experimental personality research* (Vol. 10, pp. 203-280). New York: Academic Press.
- Meston, C., & Frohlich, P. (2003). Love at first fright: Partner salience moderates roller-coaster-induced excitation transfer. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (6), 537-544.
- Pierce, C., Byrne, D., & Aguinis, H. (1996). Attraction in organizations: A model of workplace romance. *Journal of Organizational Behavior*, 17, 5-32.
- Schachter, S. (1964). The interaction of cognitive and physiological determinants of emotional state. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 1, pp. 49-80). New York: Academic Press.
- Schachter, S., & Singer, J. (1962). Cognitive, social and physiological determinants of emotional states. *Psychological Review*, 69, 379-399.
- Simpson, J., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (6), 1192-1201.
- Sinclair, R., Hoffman, C., Mark, M., Martin, L., & Pickering, T. (1994). Construct accessibility and the misattribution of arousal: Schachter and Singer revisited. *Psychological Science*, 5 (1), 15-19.
- Sprecher, S., Sullivan, Q., & Hatfield, E. (1994). Mate selection preferences: Gender differences examined in a national sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66 (6), 1074-1080.
- White, G., Fishbein, S., & Rutstein, J. (1981). Passionate love and the misattribution of arousal. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41 (1), 56-62.
- York Films of England (Producer) (1998). *The complete cosmos: Earth patrol*. England: York Films Limited.
- Zillmann, D. (1971). Excitation transfer in communication-mediated aggressive behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 7, 419-434.
- Zillmann, D. (1978). Attribution and misattribution of excitatory reactions. In J. Harvey, W. Ickes, & R. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (Vol. 2, pp. 335-368). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

RESUMO

No presente artigo é estudado o impacto da activação fisiológica prévia na atracção sentida por uma pessoa alvo, quer a nível geral, quer a nível romântico, no “primeiro momento” de um encontro. O nível de activação fisiológica foi manipulado através do exercício físico (subir e descer escadas) realizado pelos participantes antes de avaliarem a pessoa alvo – considerada como “neutra” em termos de beleza física e simpatia.

Verificou-se que numa amostra de 72 pessoas do género feminino, a excitação fisiológica provocou níveis de atracção geral tendencialmente mais elevados, comparativamente com as pessoas que não realizaram exercício físico. Estes efeitos foram-se acentuando com o aumento da distância temporal entre a activação fisiológica e os julgamentos de atracção. O facto de um indivíduo estar envolvido amorosamente com outro interferiu no grau de atractividade reportado pela pessoa-alvo, sugerindo a hipótese de moderação do efeito em estudo.

Palavras-chave: Atracção interpessoal, activação fisiológica.

ABSTRACT

This paper addresses the question of how previous arousal influences perceived attraction (general and romantic) for a target person (pre-tested to be “neutral” in beauty and friendliness). The level of arousal was manipulated by making half of the participants engage in physical exercise (running up and down the stairs). Perceived romantic and general attraction for the target person was measured either immediately after the exercise or after 3 minutes of rest.

The 72 participants in this study were all females. The aroused participants reported higher levels of general attraction for the target person relatively to the participants who didn't exercise. In addition, delay from arousal seems to moderate this effect, since the participants who had a rest between arousal and the judgments reported higher levels of general attraction. Finally, participants' involvement in a loving relationship in their lives, affected the attraction felt for the target; which suggests this variable to be a moderator of the present effect.

Key words: Initial attraction, physiologic activation.